

ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE A MÚSICA DE "A PÉCORA"

A primeira coisa que aprendi, quando comecei a inventar, orquestrar e interpretar cantigas, é que existe uma profunda relação entre a música e o teatro. Não me entendam mal: são técnicas e meios completamente diferentes. A relação existe, sim, na atitude criativa.

A música - como os jogos plásticos dos corpos e dos objectos - intervêm no teatro como componente natural e indispensável. Por um lado, permite objectivar aspectos subjectivos da mensagem (sub-texto, passagem do tempo, agudização do conflito). Por outro lado, intervêm como elemento de mobilização da reflexão subjectiva, anunciando o desencadear do conflito ou comentando a acção a-posteriori.

Assim, o leque de possibilidades (para a intervenção da música no teatro) é muito amplo. É um trabalho que exige uma total implicação na exploração dramática do texto. Mais do que ilustrá-lo, trata-se de fazer intervir o canto e a música como elementos funcionais da acção dramática.

Utilizando a linguagem do cinema, eu ^{prefiro a} ~~tenho clara preferência pela~~ música "in" (integrada na acção, e produzida no palco) ~~do que pela~~ música "off" (comentário exterior, geralmente gravado). Esta preferência deriva de eu ser um fazedor de cantigas. De resto, o teatro sempre marcou fortemente essa parte do meu trabalho; sempre tive a noção de que fazer arranjos ou orquestrações é, afinal, fazer "encenações sonoras".

Esta atitude precisa de uma grande consonância com a visão poética e plástica do encenador - o que felizmente acontece no caso vertente. Conquistada essa cumplicidade, o espírito e o corpo libertam-se para a invenção musical, e os modelos de referência (desde a música tradicional até Kurt Weil) aparecem quase por instinto. Depois, no trabalho diário, os tais "90% de transpiração" passam a tratar da questão prática mais difícil: a gestão dos meios sonoros possíveis e/ou disponíveis (incluindo as vozes e os corpos dos actores) e a correspondente definição de uma matriz para o discurso musical.

Assim se fecha o ciclo de uma profunda aliança, cujo objectivo central é comunicar significados. Pois, para mim, nada é mais belo do que a integração poética das artes. E, mais do que em qualquer outra, isso consegue-se no Teatro, que é a arte da presença no presente, aquela que mais consegue elevar-nos, em total liberdade e responsabilidade.

Só mais uma palavra sobre a tal "matriz" encontrada para o discurso musical deste espectáculo. Apresentada como um autêntico estudo sobre a religiosidade popular na Europa mediterrânica, a história de Melânia suscitou naturalmente uma referência à atitude vocal e coral dos nossos cantos tradicionais, nomeadamente à riqueza dos nossos corais polifónicos. Mas há que ter em conta um tempo (que é este) e um espaço (que é ~~mais amplo~~), expressamente referidos pela autora como sendo vagos e universalizantes. E a indefinição do espaço e do tempo remetem-nos sempre, paradoxalmente, para o aqui-agora. Só assim pode haver organicidade no discurso, e relação com a nossa vida e as lutas que travamos.

Uma dessas lutas é, sem dúvida, a da sobrevivência do canto português que, inexoravelmente, vai sendo remetido para os museus, desqualificando-se, assim, o nosso modo específico de estar no mundo.

J.M.B.